

BATALHA DO GIARETA: BREVE REVISÃO DO EMBATE ARMADO E O ATENDIMENTO MÉDICO AOS COMBATENTES FERIDOS

Giaretta Battle: A brief review of the armed clash and medical care for the wounded combatants

Giovanna Sanagiotto Ross¹; Márcia dos Santos Caron²

¹ Acadêmica de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões – URI Erechim

² Professora da Universidade Regional Integrada do Alto do Uruguai e das Missões – URI Erechim

Data do recebimento: 16/08/2022 - Data do aceite: 24/02/2023

RESUMO: Na “Revolução de 1923”, o Norte do estado sul-rio-grandense protagonizou algumas importantes batalhas. Uma delas, o Combate do Desvio Giaretta, que em 2023, completa 100 anos, é objeto de análise deste artigo, visto que gerou produções historiográficas sob os aspectos políticos, econômicos, sociais, mas, também, na área do atendimento em saúde. É sob o último aspecto que o artigo se debruça.

Palavras-chave: Erechim. Medicina. História Regional.

ABSTRACT: In the 1923 Revolution, the north region of the state of Rio Grande do Sul was the protagonist of important battles. One of them, called *Combate do Desvio Giaretta*, which will turn 100 years old in 2023, is the object of analysis of this article, since it has generated historiographical productions under the political, economic, and social aspects, and also in the health care area, which is the focus of this article.

Keywords: Erechim. Medicine. Regional History.

Introdução

Sabidamente, o Rio Grande do Sul foi palco de conflitos e disputas, principalmente, quanto à demarcação de terras, delimitação de fronteiras, posse de gado e hegemonia do comércio agrícola. Na segunda década do século XX, porém, o Rio Grande do Sul vivenciou uma disputa acirrada, inserida numa conjuntura histórica marcada pela reorganização das estruturas de poder no estado, derivada das disputas políticas e embates armados entre os nomeados como maragatos – os federalistas – e chimangos – os republicanos.

A chamada “Revolução de 1923”, episódio assim rotulado pela historiografia tradicional, tem antecedentes históricos atrelados às complexas e peculiares contradições que vinham se avolumando no estado desde a implantação do regime republicano e a intensificação da crise econômica e financeira que se abatia sobre o Rio Grande do Sul neste período (1891-1921). Essas criaram condições objetivas para a eclosão das oposições contra o monopólio político dos republicanos, cujo levante iniciou em Carazinho, no dia 24 de janeiro de 1923.

Considerando a relevância desse movimento e seus desdobramentos na região do Norte sul-rio-grandense, bem como o vazio historiográfico em análises que priorizam a produção acadêmica, as quais abordam aspectos atinentes ao âmbito da escrita da história, a partir do enfoque da saúde, este artigo objetiva se debruçar sobre eventos vinculados à saúde durante a “Revolução de 1923”.

Esse conflito, devido à sua contemporaneidade, foi objeto de diversos registros fotográficos por onde se estendeu, incluindo o Norte do estado sul-rio-grandense. Na cidade de Erechim, em que foi travada a Batalha do

Desvio do Giareta, originou-se uma imagem que retrata o auxílio aos feridos no movimento e, de certa forma, um dos momentos a partir dos quais a medicina, no município, começa a se estruturar, o que será abordado, posteriormente.

Sendo assim, com base nas imagens provenientes do período, surgiu a proposta ora apresentada neste artigo, de buscar reconstituir aspectos da história da saúde relacionados ao conflito, a fim de contribuir, academicamente, para o enriquecimento da historiografia regional e a construção dos conhecimentos acerca do cuidado médico durante o conflito.

Tendo em vista que fontes históricas são utilizadas para decodificar conflitos e suas influências, de modo a reconhecer a profunda relação entre a fotografia, a memória e suas correlações hodiernas, essa pesquisa abandona a imagem, exclusivamente, como estatuto de artefato e de representação da realidade e, por meio da análise iconográfica e sua perspectiva, visa a incitar o questionamento sobre como se sucedeu o atendimento aos combatentes feridos em Erechim, após ser palco de tal conflito.

O contexto de construção da “Revolução de 1923”

A “Revolução de 1923” não pode ser analisada como um fato histórico isolado, no Rio Grande do Sul. Antes, ao contrário, é fruto de um contexto político que atingiu o Brasil inteiro. Até o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), devido à conjuntura favorável, derivada dos altos índices de exportação, o governo republicano sul-rio-grandense atendia às necessidades da classe dominante, de maneira geral. Porém, no início da década de 1920, trouxe consigo uma severa crise econômico-financeira (VIZENTINI, 1998).

No período pós-guerra, a recessão econômica, a rearticulação da economia europeia e o recuo da demanda mundial repercutiram, negativamente, sobre a economia sul-rio-grandense. O retraimento da demanda ocorreu no período em que os frigoríficos do estado estavam operando em larga escala. Além disso, o refluxo da frigorificação na região do Prata determinou a retomada do abate destinado à produção de charque, que passou a competir com o produto gaúcho. Dessa forma, a crise nos frigoríficos e nas charqueadas repercutiu nos criadores, englobando toda a pecuária gaúcha (PESAVENTO, 2002).

Analogamente, outros setores da produção gaúcha também enfrentavam dificuldades. Conforme indicações contidas na “Mensagem Presidencial de 1921”, oitocentas e vinte pequenas fábricas fecharam suas portas no Rio Grande do Sul nesse período (ANTONIANI, 1981).

Sendo assim,

“[...] a impossibilidade do governo contornar a crise econômica fez com que a parcela da classe dominante fora do poder considerasse insuportável o domínio republicano no estado, [...] rapidamente a crise extrapolou os limites do plano econômico e alcançou o plano político. (PESAVENTO, 2002, p. 85).

Com o objetivo de colocar fim ao monopólio político exercido pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR), revisar a Constituição Estadual e buscar medidas que privilegiassem a pecuária, principalmente no que se refere a impostos e créditos, as oposições lançaram, em 1922, a candidatura de Joaquim Francisco de Assis Brasil ao governo do estado, numa campanha de “libertação e regeneração” do Rio Grande do Sul. (WASSERMANN, 2004).

O PRR, por sua vez, proclamou a candidatura de Antônio Augusto Borges de Medeiros,

então Presidente do estado, para sua segunda reeleição consecutiva. Propunham o anti-protecionismo, atendendo a todos os setores da produção. Defendiam que os auxílios à produção ocorressem de forma indireta e generalizada, por meio de modestas tributações e facilidades de transportes (ANTONIANI, 1981).

Marcado para 25 de novembro de 1922, o pleito “foi realizado em meio da maior exaltação, pouco faltando para que degenerasse em luta armada, mesmo antes de conhecido o resultado das urnas” (FERREIRA FILHO, 1965, p. 155).

A apuração foi demorada. Procuradores de Assis Brasil não tiveram acesso aos trabalhos de apuração, o que, por consequência, consolidou a convicção generalizada de usurpação pelos republicanos (POZZOBON, 1997).

O resultado, divulgado em 17 de janeiro de 1923, reelegeu Borges de Medeiros para o exercício do quinto mandato como Presidente do Rio Grande do Sul, no período de 1923-1928. Segundo Ferreira Filho,

Alegando que para chegar a esse resultado a comissão havia anulado grande número de sufrágios dados ao seu candidato, os opositoristas proclamaram a disposição de não aceitar tal julgamento, declarando que recorreriam a todos os meios a seu alcance para invalidá-lo. (1973, p. 28).

Evidencia-se, então, que o transcorrer das eleições estaduais foi o ápice de uma série de contradições que vinham se avolumando, nas esferas política e econômica, e que foram intensificadas pela crise econômico-financeira vivenciada pelo estado no período, a qual criou condições objetivas para a atuação das oposições contra o monopólio político dos republicanos.

A consagração de Borges de Medeiros como Presidente do estado foi o estopim

para que se instalasse um conflito armado entre chimangos (governistas) e maragatos (revolucionários), com o intuito de depor Borges de Medeiros da comandância estadual. Estava construída a “Revolução de 1923”, que eclodiu em 24 de janeiro de 1923.

A “Revolução de 1923” e a região

Entre janeiro e fevereiro de 1923, os combates ficaram restritos ao Noroeste do estado, espalhando-se às demais regiões, a partir de março. Os maragatos utilizavam táticas de guerrilha e tinham o propósito de manter o estado convulsionado, à espera de intervenção do governo federal, a qual não ocorreu.

Félix (1987), descreve que

A luta, em termos militares, demonstrou os deslocamentos de tropas coronelistas de lado a lado. As tropas revolucionárias organizaram-se em colunas, sendo as primeiras de Leonel Rocha, na região de Palmeira e a de Felipe Portinho no Planalto do Nordeste; a de Honório Lemes na fronteira sudoeste e a de Estácio Azambuja no centro-sul; e a de José Antônio Neto (Zeca Neto) no sul, todos com graduação de general. As tropas legalistas oficiais viram-se reforçadas pelos coronéis leais, investidos em chefes de “corpos provisórios” e pertencentes a cinco Brigadas distribuídas pelo Estado. A primeira Brigada Provisória foi comandada pelo general Firmino de Paula, com seus corpos provisórios, para a atuação na região serrana do Norte do Estado. (FELIX, 1987, p. 142).

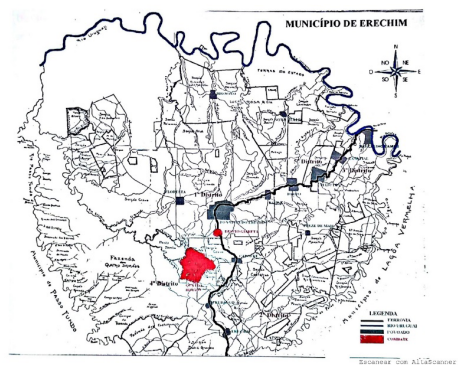
Nesse período, a região Norte do Rio Grande do Sul, predominantemente composta por pequenas propriedades e densas matas, era o maior reduto dos republicanos e a grande responsável pela manutenção do Partido Republicano Riograndense (PRR) no poder. Os coronéis do PRR, na região, de

acordo com Ardenghi (2003, p. 23), “aliados à cúpula dirigente do estado, representada pelo castilhismo-borgismo de base positivista [...] representavam a base de sustentação do PRR em nível estadual.”

De acordo com o relato de Menegati (apud FABRIS, 2003), a tomada de Erechim pelos revolucionários, liderados pelo General Felipe Portinho, em 12 de março de 1923, foi importantíssima para o movimento. Ressalta-se que uma primeira tentativa de invasão e posse da cidade já havia fracassado.

A tomada de Erechim pelos revolucionários não agradou a Borges de Medeiros, uma vez que a região possuía grande importância estratégica, tanto por fazer fronteira com o estado de Santa Catarina, como pela facilidade de acesso à ferrovia, que ligava a capital do estado à capital federal (então o Rio de Janeiro).

Figura 1 - Representação cartográfica do município de Erechim em 1923



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa

Tendo em vista esses motivos estratégicos, Borges de Medeiros determinou ao General Firmino de Paula que se deslocasse para lá com forte contingente militar e retomasse a cidade. Foi o deslocamento de Firmino de Paula e de suas tropas que originou dois importantes confrontos na região de Erechim:

o do Desvio Giareta – sobre o qual trata este artigo – e o de Quatro Irmãos (MENEGATI, 2003).

Enfatiza-se que, nesse período, os registros fotográficos da revolta, em todas as frentes do conflito, foram de extrema importância. O jornal “A Federação”, de Porto Alegre, imprensa oficial do estado e do PRR, noticiava, de maneira não fidedigna, as atuações, no que dizia respeito aos adversários, impondo a criminalização do movimento, retirando-o da esfera política: nomeavam os revolucionários como “bandoleiros”, ou “bandidos”. Esse termo acabou sendo usado como motivo de força para os opositoristas revolucionários. Assim, da necessidade de retratar o conflito pelos olhos dos revolucionários, surgiu o “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923 (TRUSZ, 2013a, p. 14), que objetivava apresentar ao povo, por meio da fotografia, vivências, influências e feitos do conflito armado.

Além do álbum, o conflito foi paisagem que recebeu atenção de diversos fotógrafos, nas diferentes regiões em que ocorreu. Retrataram diversas facetas do acontecido, incluindo o cuidado com os feridos, para além dos campos de batalha.

O Combate do Desvio Giareta – um olhar sobre o atendimento médico aos combatentes

Nesta seção, as fontes consultadas são, predominantemente, dos historiadores diletantes da História Regional de Erechim, Altair José Menegati e Geder Carraro, que publicaram, em 2003, a obra “O Combate no Desvio Giareta”. Trata-se de uma coletânea de documentos – fontes históricas primárias que, analisadas e compreendidas à luz da historiografia, possibilitam a construção do panorama que envolveu e no qual está inserido o combate do Desvio Giareta.

Destarte, a escrita historiográfica, geralmente, está associada aos conflitos políticos que envolvem esse combate, o que foi, anteriormente, descrito neste artigo. Os autores do presente texto, porém, propõem, embasados nesse título, um olhar que destaque o atendimento médico e a estrutura de atendimento em saúde, os quais foram necessários para atender aos combatentes, de ambos os lados, feridos durante o conflito.

Para tanto, faz-se necessário conhecer o contexto no qual o combate se desenrolou, a fim de propiciar entendimento das ações em saúde que se seguiram. De acordo com transcrição feita por Menegati e Carraro (2003, p. 30-38), de registros feitos em cadernetas pelo médico Dr. Roberto Sá Aguillar, responsável pela sanidade da coluna maragata, comandada por Felipe Portinho e que a acompanhou durante toda a “Revolução de 1923”, havia um plano, uma vez que Portinho conhecia a região há alguns meses. O Desvio Giareta – denominação devida ao fato de haver um desvio ferroviário entre a então Boa Vista do Erechim e a localidade de Capo-Erê, destinado ao carregamento de madeiras – foi o local escolhido por Portinho para o ataque ao comboio chimango.

As tropas de Firmino de Paula deslocaram-se por duas composições ferroviárias “[...] sendo que os vagões de carga foram blindados com mais de uma parede externa entre as duas, colocado casca de arroz, pois temia-se pelo ataque dos maragatos às composições” (MENEGATI, apud FABRIS et al., 2003, p. 57-58).

Menegati (2003) descreve que

A estratégia de Portinho consistia em colocar dinamite entre os trilhos da ferrovia, após uma curva, e que ao aproximarem-se os trens, faria voar pelos ares os trilhos e dormentes e sua tropa estaria posta dos dois lados da ferrovia, protegidos pelo mato e em cima dos barrancos, o que lhe

daria ótima visão e excelente posição para os tiros.

[...]

A estratégia de Portinho não funcionou, no sentido de que a linha férrea fosse interrompida pelas explosões, pois as locomotivas pararam antes do local previsto pelas mesmas.

Com a parada dos trens, a maragataiada aproveitou-se, pois as tropas de Firmino de Paula não podiam sair dos vagões, que eram atingidos pelos tiros disparados a pouca distância.

Evidente que a desproporção de homens e a qualidade dos armamentos favoreciam os chimangos que, aos poucos e com a perda de muitos, conseguiram sair dos vagões e travaram um combate sangrento, onde, segundo consta, foram disparados mais de 30.000 tiros pelos chimangos e 8.000 pelos maragatos, pois o combate iniciou pelas 10 horas da manhã e durou uma hora e meia, para as 13 horas reiniciar, só acabando com a chegada de uma composição

ferroviária que vinha de Erechim com o 8º Regimento de Infantaria de Cruz Alta, comandada pelo coronel Enéias de Sá.

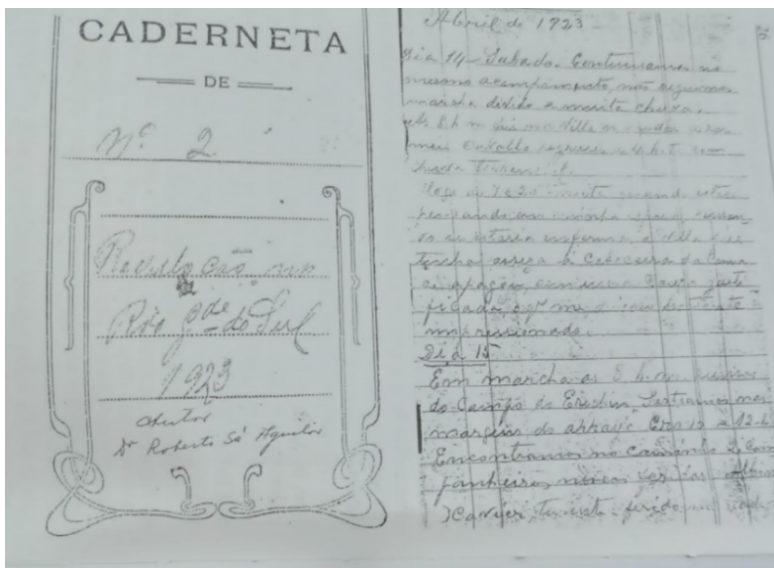
Portinho deslocou-se a Erechim. Mortos e feridos dos chimangos foram levados, com o auxílio dos membros da Cruz Vermelha, que tinha sido criada no município, e transformaram a Comissão de Terras (atual Castelinho) num hospital, ao passo que os maragatos foram tratados no salão do Cinema Avenida.

[...]

O número de mortos por parte de chimangos ultrapassou a 50 e uns 70 feridos e dos maragatos 4, com 8 feridos. (MENEGATI, *apud* FABRIS et al., 2003, p. 58-59).

Pode-se ter ideia do impacto da aplicação da estratégia utilizada pelos maragatos no número de mortos e feridos, por meio do depoimento de José Carraro, que lutou no combate do Desvio Giareta ao lado do General Portinho. O entrevistado afirmou que

Figura 2 - Caderneta de nº 2 – Revolução no Rio Grande do Sul 1923. Autoria de Dr. Roberto Sá Aguillar



Fonte: MENEGATI; CARRARO (2003)

“[...] no Combate do Desvio Giareta, demos uma grande mortandade no Governo. Desciam dos vagões e nós, protegidos, atirávamos de cima para baixo, pois era dos dois lados no leito dos trilhos, quando desciam dos vagões para se defenderem, recebiam balas. (MENEGATI; CARRARO, 2003, p. 191).

Configura-se uma importante fonte primária de pesquisa acerca do atendimento médico dado aos combatentes do Desvio Giareta a “Caderneta nº 2 – Revolução no Rio Grande do Sul 1923 – Autor Dr. Roberto Sá Aguillar”, fonte de registros de um dos médicos que acompanhava o combate (MENEGATI; CARRARO, 2003, p. 23).

Ao descrever o dia 23 de junho de 1923 – um sábado – Dr. Aguillar fez um minucioso detalhamento da organização maragata para o combate, bem como o desenrolar do conflito. Interessa, porém, o excerto a seguir, no qual o médico relata os procedimentos adotados após o combate, no atendimento aos feridos e no levantamento de óbitos. A esse respeito, efetuou o registro:

Tivemos as seguintes baixas:

Mortos: Tte. José Pedro dos Santos (do Cel. Salustiano) Salvador de Fe, soldado. - Ermogenes da Silva, Germano Grossman.

Feridos: Tte Pedro Estácio, um ferimento de bala [sic] expoziva na [sic] nadega do lado esquerdo, sem gravidade. Sgto. Amaro Mathias Ferreira, 2 ferimentos de bala, um no terço inferior da perna esquerda e outro um terço superior, considerado grave. Praça Florêncio Marcelino da Rosa, um ferimento de bala no pé direito. Os três são da força do Cel. Salustiano de Padua. Vidal Nogueira, um ferimento de bala na perna direita.

1º Sgto. Amancio Lopes Ramos, um ferimento de bala no pé direito.

Cabo Pedro Saraiva, ferimento em uma das mãos - leve.

Major Denertis Ramos, um ferimento leve na região frontal.

Do inimigo segue informações dos próprios [sic] oficiais. Do 8º foram mortos mais de 50 e feridos uns 70. Não devemos estranhar a desproporção entre mortos e feridos se nos lembrarmos que nossa gente atirava a altura de uns 30 metros de distância, contra um inimigo encerrado dentro de carros e quando fora [sic] d’elle totalmente [sic] esposto, a ser alvejado. [sic] Elles gastaram nunca menos de 30 mil tiros, nossa gente apenas 8 mil. Após ter eu e o Dr. Mozart Mello feito os primeiros curativos aos feridos, levantamos acampamento rumo à Floresta e fomos acampar a uma légua de distância do local do combate. (MENEGATI; CARRARO, 2003, p. 34-35).

Dessa forma, é possível extrair a importância da localização geográfica e estratégica das tropas maragatas no que diz respeito ao número de feridos deste lado, e como os ferimentos dos que foram atingidos, em sua maioria, não constatarem emergência – risco de morte iminente.

Conforme o relato de que as tropas maragatas apresentavam-se a uma distância de 30 metros da linha férrea em que o inimigo se encontrava, bem como camuflados pela vegetação local, tal questão corrobora com os relatos sobre as localizações dos ferimentos dos combatentes maragatos: nádega, perna, coxa, pés e mão. Em sua maioria, ferimentos abaixo da cintura pélvica.

O primeiro atendimento, que se entende, hoje, como Atendimento Pré-Hospitalar (APH) e se resume ao atendimento prestado em situações de urgência e emergência clínica, ou traumática, no local e durante o transporte até uma instituição de suporte, foi realizado pelos médicos, presentes no local do conflito, Dr. Roberto Sá Aguillar e Dr. Mozart Mello. Tal atendimento baseou-se

em curativos nos ferimentos por arma de fogo, conforme é descrito na fonte primária consultada - Caderneta nº 2.

Os projéteis são capazes de causar feridas por mecanismo híbrido, perfuração e contusão. Desse modo, o primeiro atendimento realizado para esses tipos de ferimentos em membros superiores e inferiores que poupam articulações, resume-se ao cuidado com hemorragias, por meio do curativo, acompanhado de compressão direta; se ineficaz, é então utilizado torniquete. Vale ressaltar que, de maneira mais rudimentar, os primeiros cuidados com as lesões, em cerne, conversam com os protocolos da atualidade (AMERICAN COLLEGE OF SURGEONS, 2018).

Mortos e feridos, de ambos os lados, envolvidos no combate, foram trazidos à Erechim (então Boa Vista do Erechim). Chico Tasso (1968, n.p.) – pseudônimo sob o qual escrevia o Padre Benjamin Busato, pároco da igreja matriz da época, na crônica intitulada “O Combate no Desvio Giareta”, recria o ambiente de Boa Vista do Erechim após o combate, com a chegada dos feridos:

Para apartar os contendores na Avenida se estendiam duas linhas de milicianos, uma de cada lado. Pelas casas corriam senhoras arrecadando cobertores, lençóis, camas. Tudo era levado para a Comissão de Terras e Cine Avenida de Emílio Noal, convertido em Hospital de Sangue.

Menegati (2003) reforça o relato ao afirmar que, com o auxílio da Cruz Vermelha, criada no município, os chimangos feridos foram levados para o prédio da Comissão de Terras (Castelinho), ao passo que os maragatos foram medicados no Cine Avenida. Ambos estavam aos cuidados do médico que acompanhava o 8º Regimento de Infantaria de Cruz Alta (FABRIS et al., 2003, p. 58-59).

Novamente, é de extrema relevância a descrição realizada pelo médico Dr. Aguillar

que, no dia 24 de junho de 1923, domingo, dia seguinte ao combate, fez o seguinte registro:

Amanheceu dia bom, de noite fez muito frio. [sic] As 7 h.m. conversei eu e o Dr. Mozart a repassar as feridas fazendo curativo, mas lastimados, são 7 os feridos que temos. [sic] As 10h.m. chegaram a nosso acampamento o Cel. Eneas de Sá, Cap. Jocelino - Tte, Médico Silveira Martins do 8º e Tte. Rolin do 7º e alguns moradores membros da Cruz Vermelha ali organizada [sic] vierão com o fim de levar nossos feridos que [sic] sofrirão ser muitíssimo devido ao grande número de baixas que [sic] tiverão os inimigos.

Apenas 6 foram considerados mais graves, [sic] confirmaram-se pelos [sic] oficiais do [sic] exercipto a grande mortandade do inimigo.

Conforme pode-se depreender pelo relato do médico que acompanhava o destacamento do Gal. Portinho, os maragatos foram atendidos no dia seguinte à batalha - e em número de seis. Esse é um dado novo que se traz à historiografia do município, posto que os relatos dos historiadores diletantes sempre descreveram esse atendimento médico de uma forma geral, conforme acima citado. Pode-se atribuir tais relatos à análise, geralmente, realizada, focada nas questões políticas e no combate em si.

O relato pode justificar, ainda, por que os chimangos foram alojados na Comissão de Terras, enquanto os maragatos ficaram em um espaço improvisado no Cine Avenida. O médico dos maragatos reafirmou - e registrou - que os feridos, gravemente, foram seis, e que os responsáveis por buscar os maragatos feridos foram médicos do 8º Regimento de Infantaria de Cruz Alta. Atendê-los em um espaço improvisado seria bem mais viável do que atender a um grande número de feridos.

Já os feridos da parte dos chimangos formavam um contingente maior, do qual não

há registros conhecidos e, provavelmente, por esse motivo, foram alojados na Comissão de Terras, então convertido em Hospital de Sangue.

Pode-se afirmar que, no momento da batalha em questão, distinções sociais e hierarquias foram implementadas, estendendo a condição hierárquica de prioridade no momento do atendimento em saúde, seja ele pré-hospitalar, ou intra-hospitalar. Isso advém do fato de que os chimangos, apoiadores do governo, foram alojados, no primeiro momento, na Comissão de Terras, atual Castelinho, e os maragatos tiveram de atender seus feridos em um espaço improvisado.

No que tange ao núcleo dos maragatos, o Dr. Mozart Mello era médico de confiança do Gal. Portinho e o acompanhava em todas as situações, além do apoio ao movimento. Isso o diferenciava de outros médicos - como o Dr. Catharino Azambuja – que eram provenientes da Cruz Vermelha Libertadora, originada em Porto Alegre - RS (RITZEL, 2020).

Além do mais, por meio dos registros do Dr. Aguillar, acima expostos, fica claro que os chimangos foram retirados do local no dia da batalha, e os maragatos, no dia posterior, para atendimento hospitalar.

Diante dos apontamentos, faz-se necessário contextualizar a maneira como os atendimentos médicos são prestados, visto que, por questões hierárquicas, priorizam-se e distinguem-se atendimentos por motivos que não sejam os da triagem por gravidade. Atualmente, esses procedimentos são regidos pelo protocolo Manchester e vão ao encontro da ética médica e aos princípios defendidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), regidos pela Lei Orgânica de Saúde nº 8080/90, principalmente, a equidade e a universalidade.

No período em que ocorreu o combate, porém, essas normativas e protocolos não existiam. Faz-se importante destacar que a Constituição de 1891 não menciona direitos

à saúde e ao atendimento médico. Preconiza que os serviços relacionados com a saúde pública estavam na jurisdição do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, compreendidos na Diretoria Geral de Saúde Pública (BRASIL, 1891).

A Cruz Vermelha e sua atuação no atendimento durante o conflito

A Cruz Vermelha é uma organização internacional, surgida na segunda metade do século XIX, com o intuito de garantir proteção às pessoas que sofrem as consequências de conflitos armados. No Brasil, a Cruz Vermelha foi criada em dezembro de 1908, na cidade do Rio de Janeiro, e teve como primeiro presidente o médico sanitariano Oswaldo Cruz (SEGUCHI, 2002).

Tendo em vista a ausência do estado no atendimento aos feridos em combate, para oferecer assistência em saúde aos seus, após os conflitos, cada lado dos combatentes organizou, na iminência do conflito, uma sede para receber seus feridos e abrigar seus apoiadores.

Em sua pesquisa, Barroso (2021, p. 76) cita que:

Os feridos foram medicados em Erechim, inicialmente no cinema Avenida, depois transferidos para o prédio da Comissão de Terras e, mais tarde, para um casarão onde funcionou a Casa Arioli (hoje Grazziotin). Para atender os feridos, foi organizada a Cruz Vermelha e improvisado um banco de sangue. Trabalharam como médicos: Catharino Azambuja, Mozart de Mello, Sarmento, Menyarte e o Tte; médico Silveira Martins e Roberto Sá de Aguillar.

Pode-se inferir que o prédio da Comissão de Terras foi um local amplamente disputado, representando muito mais do que espaço

para cuidados médicos, visto que, ao longo do conflito, o domínio da construção passou de base dos chimangos para os maragatos.

A Figura nº 2 retrata a Comissão de Terras, então hospital e banco de sangue, que, em um primeiro momento, abrigou tropas e apoiadores chimangos, os quais, no conflito, apresentaram-se em maior número. Sobre os cuidados prestados e os sujeitos envolvidos nos atendimentos dos apoiadores do governo não há relato conhecido, ou registrado, pela historiografia regional.

Figura 3 - Comissão de Terras convertida em Hospital para atender os Chimangos



Fonte: Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa

A respeito dos componentes do retrato, vale ressaltar a presença de uma bandeira da Cruz Vermelha em uma haste do Castelinho, para identificação. Há, também, a presença de uma enfermeira na janela; é possível notar suas vestes totalmente brancas e sem a presença de cruces no uniforme, fato esse que representa as enfermeiras, tópico a ser discutido, posteriormente. Além do mais, o retrato traz a presença de tropas do governo, dispostas na frente do Castelinho, as quais podem ser identificadas pelo uniforme governista.

No que concerne aos cuidados destinados aos maragatos, sabe-se sobre a organização

dos profissionais por meio de estudos realizados, tendo como base o “Álbum dos Bandoleiros”, bem como relatos de médicos, como os já apresentados.

Assim, a nomeada “Cruz Vermelha Libertadora” foi constituída, para apoiar os guerrilheiros maragatos, por meio do acolhimento aos feridos em batalha, da organização de hospitais improvisados, arrecadação de fundos para famílias prejudicadas pelo movimento e envio de médicos e enfermeiras aos acampamentos onde quer que o conflito se estendesse. A iniciativa surgiu das elites municipais, preocupadas em prestar auxílio para aqueles que lutavam no interior do Estado. Assim, as equipes eram, originalmente, da capital; contudo, recrutavam a população que desejasse prestar ajuda (DAL FORNO, 2015; TRUSZ, 2013, p. 16).

Diante dessa conjuntura, o Dr. Catharino Azambuja e sua esposa, enfermeira bandoleirinha, representam uma fração dos profissionais que esteve presente, prestando seus serviços em Erechim e, de certo modo, repassando seus conhecimentos à população local, que prestava serviços em apoio aos “libertadores” (DAL FORNO, 2015).

A figura 3 demonstra membros da Cruz Vermelha Libertadora, prestando cuidados aos seus pacientes, no prédio da Comissão de Terras, identificados por lenços vermelhos. A enfermeira, por sua vez, é identificada pelas cruces da cor vermelha em pontos estratégicos (DAL FORNO, 2015).

A fotografia apresenta aspectos visuais significativos para o grupo dos profissionais da saúde. A vestimenta observada diz muito sobre questões de higiene, pormenorizadas nos dias de hoje, como o uso de aventais na disposição de capotes, amplamente utilizados, atualmente, nos locais de terapia intensiva, cirurgias e atendimentos da pandemia da COVID-19, acrescidos de outros equipamentos.

Figura 4 - Erechim – Comissão de Terras, vista interna, convertido em Hospital na Revolução de 1923



Fonte: Prati. Disponível em: <https://prati.com.br/erechim/erechim-hospital>

Outro componente importante, que vale ser destacado, é a numeração dos leitos, presentes na imagem, de modo a preservar cada particularidade do paciente, evitando trocas de cuidados ampliados. Contudo, pode-se inferir que, no período, ainda não se havia a reflexão sobre a objetificação do paciente, restrito à identificação apenas pelo número do leito presente.

Ainda, sobre o retrato, pode-se inferir, por meio dos aspectos apresentados na imagem, que o paciente à esquerda, próximo a uma senhora, passou por amputação de ambas as pernas, devido à distância de seu tronco da porção final da cama. A necessidade dessa prática era comum no pós-batalha, no período pré-penicilina, que surge em 1929. Após a descoberta da penicilina, houve grande impacto no tratamento médico de feridos em conflitos, como na Segunda Guerra Mundial, o que reduziu o número das amputações de membros e, também, de mortes (PERRY, 2012).

Considerações Finais

Tradicionalmente, sabe-se que a “Revolução de 1923” ocorreu numa conjuntura histórica marcada pela reorganização das es-

truturas de poder no Rio Grande do Sul, o que implicou, no geral, a quebra do monopólio político exercido pelo Partido Republicano Rio-grandense, desde 1895.

Nesse contexto, tanto as disputas políticas quanto os embates armados entre maragatos e chimangos afetaram todas as regiões do Rio Grande do Sul. No então recém-emancipado município de Boa Vista do Erechim não foi diferente. O município vivenciava um desenvolvimento socioeconômico derivado do modelo de colonização implementado pelo governo do estado, por ser atravessado pela ferrovia, o que representava facilidade no transporte e na ligação entre a capital do estado e a capital federal.

O combate do Desvio Giareta, objeto de pesquisa deste artigo, foi um dos conflitos armados ocorridos na região e, comumente, é analisado e escrito com base em um viés sociopolítico. Este artigo buscou compreendê-lo na perspectiva do atendimento de saúde prestado aos combatentes.

Diante do exposto, a Cruz Vermelha Libertadora, bem como os médicos, envolvidos no conflito por parte dos maragatos, com base nos registros do Dr. Roberto de Sá Aguillar, impactam, não somente no conflito, mas no modo como se instituiu o fazer medicina em Erechim. Depreende-se que os conhecimentos em saúde, difundidos pelos médicos entre a população do interior, acabaram por gerar um ideal de cuidados, permanecendo na comunidade mesmo após a saída dos médicos da região.

Há que se ressaltar a precariedade de fontes documentais para tal estudo, fruto da falta de sistematização e/ou arquivamento. Também, é crível mencionar o desinteresse, até o momento, para com o processo de construção histórica e historiográfica da história regional sob a perspectiva da saúde, em que fontes primárias de pesquisa foram e são descartadas sem o devido valor.

Nessa concepção, é de suma importância a pesquisa histórica e o conhecimento acadêmico relacionado à área da saúde, o que está se construindo por meio da instalação do curso de Medicina na URI. A instauração de um grupo de pesquisa, vinculado ao CNPq, intitulado PAHMIS - Patrimônio Histórico Material e Imaterial em Saúde, que tem como

um de seus objetivos resgatar, valorizar e preservar a memória do patrimônio histórico e cultural, material e imaterial, em saúde, em Erechim e região, demonstra o comprometimento do curso de Medicina com os aspectos atinentes à construção da História da Saúde na região.

REFERÊNCIAS

AMERICAN COLLEGE OF SURGEONS. **ATLS – Advanced Trauma Life Support for Doctors**. 10. ed. Chicago: Committee on Trauma, 2018.

ANTONIACCI, M. A. **RS: as oposições e a Revolução de 1923**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

ARDENGHI, L. G. **Caboclos, ervateiros e coronéis: luta e resistência no norte do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2003.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91. Acesso em: 31 jul. 2022.

BARROSO, J. S. **Um Sthetefl em apuros: a relevância da fazenda Quatro Irmãos nos fatos históricos regionais (1812-1924)**. Erechim, 2021.

FABRIS, N. A.; HOPPEN, M. T.; D'ÁVILA, N. E. P. A Revolução de 1923 - 80 anos do combate de Quatro Irmãos. **Anais do II Seminário de História Regional**, Getúlio Vargas: Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas, 2003.

FÉLIX, L. O. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: UFRGS, 1987.

FERREIRA F. A. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

DAL FORNO, R. **O “Álbum dos Bandoleiros” da Revolução de 1923: uma análise de Política e Imagem do Rio Grande do Sul da década de 1920**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Dissertação (Pós-graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

MENEGATI, A.; CARRARO, G. **O Combate do Desvio Giareta: Revolução de 1923**. Erechim: [s.n.], 2003.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

PERRY, R. War and medicine. **The Encyclopedia of War**, 2012.

POZZOBON, Z. F. **Como dizia Honório Lemes**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

RITZEL, R. **Felippe Portinho, o barão maragato** – por Ricardo Ritzel. Claudemir Pereira, 2020. Disponível em: <https://claudemirpereira.com.br/2020/12/felippe-portinho-o-barao-maragato-por-ricardo-ritzel/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

SEGUCHI, E. **A História da Cruz Vermelha Internacional**. 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/cd/article/view/923/438> Acesso em 02 de agosto de 2022.

TASSO, C. Meu Erechim Cinquentão. Erechim: **A Voz da Serra**, 1968.

TRUSZ, A. **A publicidade nas revistas ilustradas**: o informativo cotidiano da modernidade. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

VIZENTINI, P. F. **A crise dos anos 20**: conflitos e transição. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

WASSERMANN, C. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil, crise no bloco do poder. *In*: GRIJÓ, L. A. et al. (Orgs). **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 273-290.

